

O G8 e a crise alimentar – as verdadeiras soluções

Julho de 2008

Em todo o mundo, milhões de pessoas sofrem com falta de alimento, gêneros alimentícios a preços inacessíveis e fome, basicamente em razão da agricultura industrial, de safras ruins causadas pelas mudanças climáticas, relações de comércio injustas e da corrida pelos agrocombustíveis.

Não existe uma solução única para a crise. Os líderes do G8 na cúpula de Toyako, no Japão, de 7-9 de julho, precisam definir a ajuda de emergência às 850 milhões de pessoas que passam fome, e atacar as causas reais da atual crise alimentar, da seguinte maneira:

- Aumentando os investimentos públicos em pesquisa e desenvolvimento de métodos agrícolas ecológicos e resilientes às mudanças climáticas
- Parando de financiar variedades transgênicas e proibindo as patentes de sementes
- Suspendendo gradualmente o uso dos agroquímicos mais tóxicos na agricultura e eliminando subsídios agrícolas destrutivos para o ambiente
- Incentivando a produção alimentar interna e derrubando as metas obrigatórias para aumentar a proporção de biocombustíveis nos transportes

Causas e soluções:

Preservação dos recursos naturais para as futuras gerações agrícolas

O futuro da agricultura depende de uma prática agrícola que promova a biodiversidade. A agricultura industrial compromete justamente os recursos dos quais depende nosso suprimento alimentar. Ela transformou regiões que eram verdadeiros celeiros em áreas desoladas, carregadas de poluentes que deixam a terra totalmente sem vida. Ela degrada o solo, contamina a água e diminui o rendimento das colheitas, apesar do aumento do uso de pesticidas e fertilizantes.

A biodiversidade agrícola reduz a probabilidade de doenças e infestações, diluindo a disponibilidade de hospedeiros. Milhões de plantações, em todos os continentes, comprovam que a agricultura orgânica e sustentável pode fornecer alimento suficiente, aumentar a segurança alimentar, repor os recursos naturais e proporcionar melhor condição de vida aos agricultores e comunidades locais.

Os governos precisam canalizar recursos para pesquisa e desenvolvimento de métodos agrícolas ecológicos e sustentáveis, especialmente aqueles que aumentem a produção de alimentos pelas populações mais pobres do mundo em desenvolvimento, com foco nos pequenos agricultores. Os dados comprovam que, em média, pequenas lavouras têm maior rendimento que as grandes plantações. Os governos precisam abandonar o uso intensivo de agroquímicos e as falsas promessas dos transgênicos/da engenharia genética.

E a engenharia genética?

A engenharia genética é uma ameaça à segurança alimentar e não uma solução para a crise. As lavouras geneticamente modificadas têm apresentado menor rendimento e não têm resistido a flutuações extremas de temperatura. Em vez de aumentar a biodiversidade, os transgênicos colocam a biodiversidade natural do planeta sob o risco de uma contaminação imprevisível e incontrolável; desde 1996, houve 216 casos de lavouras contaminadas por transgênicos em 57 países (www.gmcontaminationregister.org).

A engenharia genética também é cara e arriscada, tanto para agricultores quanto para os governos. As sementes transgênicas estão sujeitas a patentes que, indiretamente, aumentam o preço dos alimentos e, portanto, em nada contribuem para aliviar a pobreza ou a fome, e ainda ameaçam a soberania alimentar dos países. Essa conclusão é compartilhada pelo Relatório Internacional sobre Ciência e Tecnologia Agrícolas para o Desenvolvimento (IAASTD, na sigla em inglês), de 2008; uma iniciativa do Banco Mundial e da ONU, esta é a primeira avaliação científica sobre a agricultura global. Compilado por mais de 400 cientistas de todo o mundo, o relatório indica que as variedades transgênicas não têm papel relevante no cumprimento das Metas de Desenvolvimento do Milênio ou na erradicação da fome. Algumas razões:

- A soja geneticamente modificada tolerante a herbicidas, atualmente no mercado, tem, segundo relatos, um rendimento 10% menor que o das variedades tradicionais.ⁱ
- Flutuações extremas de temperatura causaram perdas em lavouras de algodão transgênico na China. Pesquisadores verificaram que as variações extremas de temperatura causaram perda da função para a qual a modificação genética foi feita, resultando em menor rendimento que o do algodão convencional.ⁱⁱ
- Todas as variedades transgênicas, mesmo as que foram desenvolvidas por instituições de pesquisa governamentais, são controladas pelas patentes de algumas poucas empresas multinacionais. O custo das patentes aumenta drasticamente o preço das sementes. Nos EUA, o preço da semente de algodão transgênico aumentou em até 4 vezes nos últimos 10 anos.

Técnicas de cultivo tradicionais e modernas são um elemento chave na busca de soluções para a crise alimentar. Elas aumentam a resistência das plantas às condições imprevisíveis e variáveis causadas pelas mudanças climáticas.

Adaptação às mudanças climáticas

As mudanças climáticas afetarão cada vez mais a agricultura mundial. A segurança alimentar, particularmente nos países mais pobres, encontra-se ameaçada pelas variações imprevisíveis dos índices de precipitação e pelas catástrofes climáticas mais frequentes. Além disso, a agricultura industrial contribui significativamente para as emissões de gases estufa, tanto diretamente, por meio dos fertilizantes, por exemplo, quanto indiretamente, pela destruição das florestas.

A estratégia mais eficaz de adaptação às mudanças climáticas é a agricultura ecológica, biointensiva. Dados sobre as práticas agrícolas em todo o mundo

forneem evidências inequívocas de que a combinação de diferentes cultivares e variedades é um método confiável e comprovado para aumentar a resistência das lavouras às variações climáticas imprevisíveis

(ver www.greenpeace.org/raw/content/international/press/reports/cool-farming.pdf).

As lavouras transgênicas são incapazes de garantir um bom resultado em condições climáticas extremas. Elas não podem se adaptar às variações rápidas e radicais que resultarão das mudanças climáticas. O gene inserido para modificação da planta fica sempre "ativo", quaisquer que sejam as condições externas. É como um ar condicionado que trabalha incessantemente – no inverno, seria mortal.

Como estabelecer a soberania alimentar e sistemas de comércio mais justos

O declínio preocupante da produção local de alimentos em muitos países em desenvolvimento é resultado, na maioria dos casos, das políticas do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial orientadas para reduzir ou eliminar as garantias de preços, subsídios e tarifas sobre produtos agrícolas, e para mudar o foco da agricultura para lavouras de exportação e alto valor monetário. Em consequência, a agricultura está sujeita às leis do comércio e à especulação, o que determina uma mudança fundamental nas práticas agrícolas e nos hábitos alimentares das pessoas.

Muitos países que antes eram auto-suficientes na produção de alimentos tiveram um declínio da produção local, quase sempre devido às importações de alimentos baratos, subsidiados, dos países desenvolvidos. Os agricultores locais não conseguiram sobreviver à competição desleal, que devastou muitas propriedades rurais. Qualquer solução de longo prazo para a atual crise alimentar deve ter como foco o aumento da produção local de alimentos pelos países em desenvolvimento. As barreiras que impedem os países em desenvolvimento de aumentarem os gastos públicos com a agricultura precisam ser removidas e devem ser criadas tarifas que protejam sua agricultura da competição desleal.

Agrocombustíveis e o aumento dos preços do petróleo

O elevado preço do petróleo é um fator chave para a crise alimentar. Isso ocorre não apenas porque nosso sistema alimentar é altamente dependente do combustível fóssil para produção de fertilizantes, maquinário agrícola e transportes, mas também porque qualquer aumento no preço do petróleo representa um incentivo adicional para a substituição do cultivo de alimentos por lavouras produtoras de energia.

Em 2007, os EUA desviaram 54 milhões de toneladas de milho para a produção de etanolⁱⁱⁱ e a União Européia usou 2,85 milhões de hectares^{iv} para plantar canola e outras variedades produtoras de agrocombustíveis. Se a mesma extensão de terra tivesse sido usada para plantar milho e trigo para produção de alimentos, o rendimento estimado seria de 68 milhões de toneladas de grãos, suficientes para alimentarem 373 milhões de pessoas em um ano^v. Isso equivale à soma das populações dos 28 países menos desenvolvidos da África^{vi}.

A corrida pelos agrocombustíveis no mercado internacional está desviando o uso das terras agrícolas da produção de alimento para a produção de combustíveis e fazendo subir o preço dos cereais. Além disso, está causando a destruição da

floresta tropical, o que potencializa as mudanças climáticas. Uma medida imediata deve ser a suspensão de medidas de incentivo e metas obrigatórias de uso de agrocombustíveis nos países desenvolvidos e a adoção de leis que garantam que a produção de agrocombustíveis não ameace a segurança alimentar, particularmente nos países em desenvolvimento.

Outras forças determinantes da crise alimentar

A especulação com *commodities* também é um fator determinante do aumento de preço dos alimentos porque os especuladores, que saíram de outros mercados em queda, especulam cada vez mais sobre os preços de mercados futuros de *commodities*.

O aumento da demanda por carne está desviando a produção de grãos para alimentar os animais, em vez de alimentar as pessoas. Estima-se que, se 50% das pessoas que vivem na UE-15 e nos EUA substituíssem metade de seu consumo médio anual de carne por proteínas vegetais, os grãos não usados para alimentar animais seriam suficientes para alimentar metade da população mal nutrida do mundo, durante um ano^{vii}.

Conclusões – Cultivando com a natureza, cultivar a vida

Para atacar o problema do aumento dos preços dos alimentos, da fome e dos desastres ambientais é necessária uma mudança fundamental nas práticas e políticas agrícolas. “Deixar tudo como está não é uma opção”. Essa conclusão essencial do relatório IAASTD deixa claro que a segurança alimentar não será alcançada nem com o uso crescente de fertilizantes ou pesticidas químicos, nem recorrendo aos transgênicos. O relatório reflete o consenso cada vez maior entre os membros da comunidade científica internacional e vários governos de que a agricultura industrial, tóxica e que usa energia intensivamente, é um conceito fracassado e ultrapassado. Como enfatiza o documento, pequenos agricultores e métodos agro-ecológicos são o caminho para resolver a crise alimentar e atender as necessidades das comunidades locais.

Para mais informações ver Food Security and Climate Change: The answer is biodiversity (www.greenpeace.org/raw/content/international/press/reports/food-security-and-climate-change.pdf)

Contato na sala de imprensa do G8, em Toyako:

Beth Herzfeld, Assessor de Imprensa - Greenpeace International: +44 (0) 7717 802 891

-
- i Elmore, R.W., Roeth, F. W., Nelson, L.A., Shapiro, C.A., Klein, R.N., Knezevic, S.Z. & Martin A. (2001). Glyphosate-Resistant Soybean Cultivar Yields Compared with Sister Lines. *Agronomy Journal*, 93: 408-412.
 - ii Olsen, K.M., Daly, J.C., Finnegan, E.J. & Mahonr. R.J. (2005). Changes in Cry1Ac Bt transgenic cotton in response to two environmental factors: temperature and insect damage. *Journal of Economic Entomology* 98: 1382-1390.
 - iii Economist Intelligence Unit, February 2008. World Commodity Forecasts: Food, feedstuffs and beverages. <http://www.eiu.com>

-
- iv EUROPA press release IP/07/1528, 17/10/2007;
<http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/07/1528>
- v Consideramos que 182,5 kg de grãos sejam necessários para suprir cereais alimentares suficientes para uma pessoa ativa durante um ano (Fonte: *World Food Program*).
- vi A lista das Nações Unidas encontra-se em: (<http://www.un.org/special-rep/ohrlls/ldc/list.htm>).
- vii Com base na população de 385 e 300 milhões de pessoas da UE-15 e dos EUA, respectivamente, que consome, em média, 92 kg de carne por ano e 124 kg de carne por ano (*European Commission* 2004, p.2 e Pimentel and Pimentel 2003, p. 661S). Estima-se que, em média, 6 kg de proteína vegetal sejam necessários para produzir 1 kg de proteína animal (Pimentel and Pimentel 2003, Smil 2000, in de Boer et al, 2006, p. 268). Setor de pecuária de corte da União Européia; http://ec.europa.eu/agriculture/publi/fact/meat/2004_en.pdf ; Pimentel, D., Pimentel, M., 2003, Sustainability of Meat-based and Plant-based Diets and the Environment, *American Journal of Clinical Nutrition* 78 (suppl), pages 660S–663S; Smil, V., 2000, *Feeding the World: A challenge for the twenty-first century*, The MIT Press, Cambridge, MA, United States.